

Knowledge about and meaning of death according to Nursing students

| Conhecimentos e significados da morte para discentes de Enfermagem

ABSTRACT | Introduction:

The topic of death is still little discussed during undergraduate courses in health, both in theory and in practice, as the curriculum does not adequately address this issue in preparing the professional future because it emphasizes life and mitigates the death.

Objective: *The aim of the qualitative research is to investigate the current meaning of death according to nursing students.*

Methods: *It was carried out at the Nursing School of Federal University of Juiz de Fora from March to April 2015; participants comprised ten undergraduate Nursing students enrolled at eighth semester of the aforementioned course. Open interviews were performed with; participants, whose statements were recorded, transcribed and later grouped by meaning proximity.*

Results: *Comprehensive analysis of participants' statements enabled the development of two units, namely: knowledge about death and meaning of death. Results have shown that Nursing students bear their own religious issues, which significantly influence their experiences, as well as biological and distress issues. Besides, they do not feel prepared to deal with death in the epistemological context.* **Conclusion:** *Therefore, it is crucial for Nursing students to acquire further knowledge about this subject in order to help improving their confidence, as well as better understanding and perceiving death.*

Keywords | *Death; Nursing Students; Attitude towards Death; Nursing.*

RESUMO | Introdução: O tema morte ainda é pouco discutido durante os Cursos de Graduação na área da saúde, tanto na teoria quanto na prática, visto que a matriz curricular não contempla de forma satisfatória esse assunto no preparo do futuro profissional pelo fato de enfatizar a vida e mitigar a morte. **Objetivo:** Pesquisa de natureza qualitativa com o objetivo de compreender o significado da morte para os discentes de enfermagem. **Métodos:** O cenário foi a Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Juiz de Fora, contando com 10 discentes do Curso de Graduação em Enfermagem do oitavo período do curso, no período em março e abril de 2015. Por meio de entrevista aberta, os depoimentos foram gravados e transcritos, sendo as falas agrupadas por proximidade de significados. **Resultados:** A análise compreensiva dos depoimentos permitiu a elaboração de duas unidades: o conhecimento sobre a morte e o significado da morte. Evidenciou-se que os acadêmicos de enfermagem carregam consigo as questões religiosas muito presentes na sua vivência e ainda as demais questões como a biológica e a angústia, bem como não se sentem preparados para lidar com a morte sob o contexto epistemológico. **Conclusão:** Faz-se necessário, portanto que os acadêmicos de Enfermagem sejam estimulados a buscarem mais conhecimentos sobre o tema visando alcançar maior segurança e melhor compreensão e percepção da morte.

Palavras-chave | Morte; Estudantes de Enfermagem; Atitude frente à Morte; Enfermagem.

¹Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora/MG, Brasil.

INTRODUÇÃO |

O tema morte ainda é pouco discutido durante os Cursos de Graduação na área da saúde, tanto na teoria quanto na prática, visto que a matriz curricular não contempla de forma satisfatória esse assunto no preparo do futuro profissional pelo fato de enfatizar a vida e mitigar a morte¹. Resultados de pesquisa realizada em 2014 reforçam a necessidade de inserção da temática da morte e do morrer nos cursos de saúde desde os primeiros semestres². Há escassez de estudos sobre essa temática na produção de pesquisas tanto na literatura nacional quanto na internacional, especificamente em Enfermagem, evidenciando a relevância de tal tópico na formação acadêmica³. A morte e as expectativas que ela traz devem ser vistas de maneira mais efetiva e analisadas com os alunos numa abordagem direta, contemplando a vivência de cada um de maneira particular e subjetiva⁴.

No cotidiano do senso comum, a morte desperta medo para as pessoas, as quais a consideram tão incompreensível quanto inaceitável e mal conseguem falar sobre o assunto. Tal reação é compreensível, uma vez que a nossa cultura desenvolve esse tipo de pensamento⁵, portanto, trata-se de uma reação instintiva que se evidencia através do comportamento humano ao longo da evolução histórica, cultural e religiosa, variando de acordo com a época e com as características culturais relacionadas⁶. Atualmente, esse tabu vai aos poucos se transformando numa visão mais realística, adaptando-se às transformações que ocorrem de acordo com o avanço tecnológico⁷.

Do ponto de vista biológico, morrer é o deixar de existir, quando um corpo é acometido por uma patologia ou por um acidente que cause a falência de seus órgãos vitais⁸. O fenomenólogo Martin Heidegger expressa que a morte é a última possibilidade, e a ela pertence à estrutura fundamental do homem. É o princípio formal da vida, considerando que a vida humana só se torna um todo mediante a morte, por meio da qual o homem passa a ser completo. A morte, para ele, é vista como fenômeno que faz parte da constituição da existência humana⁹.

O processo de morrer, há algumas décadas, era vivenciado em casa, com os familiares e amigos, cercados de carinho e atenção dos entes queridos¹⁰. A morte era personalizada, específica e individualizada como um processo ritualístico⁵. Contudo, atualmente, a doença e o morrer são tratados no hospital, e não mais nas residências com seus familiares, devido ao avanço tecnológico que trouxe em seu bojo a

cura para diversas doenças consideradas incuráveis. Da mesma forma, trouxe o individualismo e a ausência do processo ritualístico do morrer¹¹.

Nesse panorama, a morte ainda é um desafio para os homens, e a revelação dela no mundo acontece por meio da explicitação de quem vivencia o fenômeno num determinado tempo e espaço, descrevendo a experiência do homem, como única e intransferível¹².

Nesse contexto, estudos de natureza qualitativa balizados na fenomenologia têm se mostrado pertinentes, pois se revelam como possibilidade mais ampla de compreensão dos significados e sentidos que o homem produz em sua consciência com o mundo e com as pessoas que o rodeiam¹⁰.

Diante do exposto, surgiram inquietações ao se perceber que ainda há lacunas no ensino de graduação para acadêmicos de enfermagem, emergindo, assim, a questão norteadora do estudo: Como os acadêmicos de enfermagem significam a morte? Para responder a tal indagação, destaca-se o seguinte objetivo do presente estudo: Compreender o significado da morte para os discentes de enfermagem.

MÉTODOS |

Pesquisa descritiva e exploratória de natureza qualitativa, que proporcionou compreender a subjetividade do participante, permitindo a livre expressão das informações, experiências e de suas vivências¹³. Teve como cenário a Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Juiz de Fora (FACENF/UFJF). O projeto de pesquisa foi cadastrado na Plataforma Brasil atendendo à Resolução 466/12¹⁴, analisado no Comitê de Ética e Pesquisa/UFJF e aprovado com o parecer nº 854.960 de 12/11/2014.

Os participantes foram 10 acadêmicos do Curso de Graduação em Enfermagem da UFJF, e, como critérios de inclusão, eles deveriam estar regularmente matriculados no oitavo período no primeiro semestre de 2015. Optou-se pelos discentes desse período, tendo em vista que estes já cursaram grande parte do curso, concluindo todas as disciplinas teóricas em que o objeto desta pesquisa foi abordado bem como nas disciplinas práticas em que os discentes pudessem ter tido contato com pessoas que vivenciaram a morte. E foram excluídos os discentes

que expressaram não ter condições psicoemocionais no momento para participar desse estudo, após o convite e explanação sobre o objeto e objetivo.

Os depoimentos foram coletados entre os meses de março e abril de 2015, em local privativo da instituição, e os participantes tiveram a opção de escolher o melhor horário e local dentro do cenário do estudo, de modo a permitir um encontro privado e empático, estando presentes só o entrevistado e o pesquisador. Cada entrevista teve duração de 10 a 15 minutos e para resguardar o anonimato dos participantes, estes foram codificados com “A” de Alunos e acompanhados de uma numeração por ordem da realização da entrevista (A1, A2, A3...). As informações foram obtidas por meio de entrevista aberta contendo as seguintes questões norteadoras: O que você conhece sobre morte? Como você significa a morte?

Poder-se-ia ter ampliado o número de entrevistas para envolver um maior número de depoimentos, entretanto as falas tornaram-se repetidas. Portanto, optou-se por interromper as interlocuções, tendo em vista que se tinha alcançado o objetivo proposto¹⁵.

Os depoimentos foram gravados em áudio (MP3) a fim de manter a fidedignidade das informações, sendo, posteriormente, transcritos na íntegra, lidos e relidos para posterior análise compreensiva. As estruturas essenciais foram destacadas e agrupadas por proximidade de significados⁹. A análise foi feita baseada nas informações e interpretações dos sentimentos expressos nos depoimentos dos entrevistados e posteriormente confrontados com a literatura¹⁶.

RESULTADOS |

Dos 10 discentes participantes, nove eram mulheres e um homem, com idade entre 23 e 25 anos, os quais aceitaram prontamente participar da pesquisa. Para realização da entrevista, tiveram a opção de escolher o melhor horário e local dentro do cenário do estudo, de modo a permitir um encontro privado e empático.

Ao serem abordados para a entrevista, os participantes se mostraram solícitos e interessados em responder às questões propostas. Na abordagem, foi perceptível a ansiedade dos acadêmicos ao se expressarem acerca do tema, uma vez que permaneceram por instantes em silêncio

e pensativos diante das indagações. Ao ouvi-los, percebeu-se o quanto se apresentaram carentes de conhecimento perante essa possibilidade, angustiados, com medo e com sensação de impotência.

Mediante o recorte das estruturas essenciais⁹ de seus depoimentos que expressaram seus significados, foi possível a elaboração de duas Unidades de Significado: O conhecimento sobre a morte e O significado da morte.

Para os depoentes, a morte pode ser representada como uma passagem para um lugar melhor, o que se torna perceptível quando evidenciam a crença na separação da alma e do corpo.

Apenas aquilo que acredito religiosamente, separação do corpo com a alma vai até o encontro de Jesus. Acredito na ressurreição (A1).

É a perda do envoltório carnal... nada mais é do que além de uma passagem. Penso que a minha vida real ou espiritual, começará após a morte. Sei que a partir do momento que existe vida também existe morte. Fisicamente é cara, burocrática e hoje até base para estudos e pesquisas (A2).

Morte é o retorno pra a verdadeira vida. Perda dos sinais vitais (A3).

É a finitude do corpo na terra, a falência múltipla dos órgãos quando um ser deixa de existir (A5).

É um processo físico natural pelo qual todos um dia irão passar que não é tão simples assim, pois envolve as pessoas que se importam com quem morreu, pessoas que sofrem ou não ao morrer um ente querido (A6).

Abandono do sofrimento terrestre. Não sei nada sobre a morte a não ser o que me foi ensinado de geração em geração. A verdade só virá quando morrermos (A7).

No recorte da fala do entrevistado A7, há momento de confronto interior, ao mesmo tempo em que ele afirma não conhecer nada sobre a morte. O discente responde com uma expressão relacionada ao senso comum, quando diz “conheço aquilo que me foi ensinado de geração em geração”.

Outro ponto importante foi evidenciado no depoimento A6, quando relaciona a morte com uma etapa natural da vida, o que a torna esperada e inevitável. Ao considerar a morte dessa maneira, é possível enfrentá-la com maior

naturalidade, o que não exclui, contudo, a presença de sentimentos negativos.

O entrevistado A3 expressa de modo claro como a visão biológica está presente no pensamento das pessoas na medida em que o relato relacionado à morte ocorre como sendo apenas a ‘perda dos sinais vitais’.

Percebeu-se a existência de vários elementos e concepções espirituais presentes: alguns acreditam que a alma continua viva; outros afirmam que a alma vai para um descanso eterno; enquanto alguns referem ainda acreditar em reencarnação.

É algo devastador, leva toda a alegria embora... é deixar um vazio, é deixar um aperto no peito. É também desencarnar, é o fim do sofrimento... não sinto mais sua energia (A4).

Significo a morte como uma passagem, o corpo morre, porém a alma e sua essência ainda vivem, como sou católica acredito que não acaba; o espírito vai para algum lugar (A5).

No depoimento de A4 percebeu-se o quanto a morte é algo devastador, um sofrimento intenso.

A morte como uma etapa da vida que é impossível de fugir ou evitar... vejo como uma maneira de conforto para a pessoa, e outras como um terrível acontecimento indesejado que ocorre antecipadamente (A1).

Evidencia-se, ao referir que a morte se torna uma “maneira de conforto para a pessoa” que é preferível enfrentar esse momento quando ele já não pode mais ser evitado que continuar em um processo de dor e desconforto, pois, não havendo perspectiva de melhora, a morte torna-se um possível conforto.

É algo que não dominamos e nunca experimentamos (A2)

Eu nunca tive muitos contatos próximos com a morte, como perder um ente querido ou ver alguém morrer na minha rotina enquanto estudante (A6).

Algo que não concebemos até ter contato com ela (A8).

Torna-se relevante para os participantes dizer que ter enfrentado essa situação recentemente e que, a partir deste momento tornou-se possível significar a morte como sendo algo triste. Entende-se que somente perceberam e significaram verdadeiramente a morte quando ela ocorreu

com alguém de sua família. Isso remete à crença de que, mesmo compreendendo a morte, foi possível colocar intensidade nesse sentimento apenas ao se deparar com a perda de um ente querido.

Apenas o lado do qual eu passei na minha família, convivi com a morte recentemente de alguns entes queridos e foi muito triste (A8).

Os participantes A5 e A10, por meio de seus depoimentos, afirmam estar totalmente despreparados para lidar com a morte no cotidiano, seja pela falta de conhecimento, seja de experiência.

Para um estudante de enfermagem, vejo como difícil a morte dos pacientes, pois lutamos sempre pela vida e estamos totalmente despreparados psicologicamente para lidar com a morte, sinto-me fracassada diante da morte embora saiba qual é o percurso da vida (A5).

Enquanto acadêmico de enfermagem, é uma sensação de derrota plena diante da morte sob a perspectiva de corpo. Uma sensação de perda enorme (A8).

Uma sensação de impotência e finitude. É como se fosse algo inalcançável. Algo não palpável, porém muito doído. Uma tristeza da alma. Pode ser percebida, sentida e doída quando se perde um ente querido (A9).

Impotência, falta de conhecimento acadêmico, não aceitação da morte (A10).

A dor se fez presente nos depoimentos na medida em que a relacionam com algum ente querido, tornando esse sentimento mais forte e impactante.

DISCUSSÃO |

Os entrevistados referenciaram a morte como sendo uma passagem para outra vida, pois, no ocidente, os conceitos foram evoluindo com base na tradição judaico-cristã, carregando uma concepção dogmática do morrer. Assim, o corpo é considerado como invólucro da alma, algo sagrado, e a morte parte do designo divino¹⁷.

As diferentes crenças parecem conduzir à mesma finalidade: morte como passagem; morte como libertação; convívio eterno com o criador; ressurreição; reencarnação.

Logo, as crenças unificam-se na ideia de passagem de um mundo a outro³.

Na antiguidade, a morte aparece como sendo um processo natural e familiar, pois era considerada uma certeza da vida, compreendida como algo inevitável, como um processo natural e esperado¹⁸. Para a versão científica, a morte é algo que acontece a qualquer organismo vivo quando o sistema entra em colapso¹⁹. Sob esse prisma, a morte de um homem é um acontecimento biológico, sendo algo natural que acontece cedo ou tarde na vida da pessoa.

É importante ressaltar que o cuidar das pessoas vai além de tratar patologias que venham a apresentar e que levem à morte. Faz-se necessária a construção de um espaço durante a graduação no qual o aluno possa compreender que o ser humano, mesmo com o aumento da qualidade de vida, um dia chegará à sua finitude. Sendo assim, cuidar envolve não apenas o tratar a patologia que o indivíduo apresenta, mas também envolve o cuidar da pessoa que apresenta uma patologia, mesmo que seja preparando-o para a morte.

Os entrevistados significaram a morte na concepção de seus valores e crenças, o que permite compreender a dinâmica do processo de morrer dentro de uma abordagem especificamente religiosa¹⁷. Compreende-se tal fator como algo importante, considerando que concede suporte e auxílio para enfrentar esse momento com pacientes, parentes e amigos.

Há uma ambiguidade de sentimento frente à finitude, vista, ao mesmo tempo, como o fim de um sofrimento e o descansar daquele que sofre. O simples fato de estar próximo do evento morte, faz com que o indivíduo consiga perceber e sentir o processo do morrer.

Entende-se que os valores religiosos possuem uma importante influência na perspectiva do processo de morrer, desde as épocas mais remotas, pois a religião determina o pensar e o agir das pessoas. Assim, de acordo com as diversas crenças, pode-se perceber a visão diferenciada da morte, e, na medida em que o discente esteja aberto para as questões espirituais, torna-se possível significar a morte e categorizar a sua importância no contexto social².

Embora alguns entrevistados a classifiquem como um processo natural, a empatia das pessoas com esse tema permite constituir um apoio terapêutico importante e

significativo, considerando tratar-se de um tema de difícil abordagem no dia a dia¹⁷.

Diante de pouco ou quase nenhum contato com a morte, o discente possui inúmeras dificuldades em significar esse momento. Tal acontecimento é perfeitamente aceitável, uma vez que só conseguimos compreender e significar aquilo que vivemos, sentimos e percebemos. A partir dessa consideração, é possível afirmar que conduzir o pensamento para se apropriar melhor da dinâmica da vida e do morrer permite ao discente se apropriar do assunto e pensar quais atitudes são necessárias para vivenciar essa situação.

Percebe-se também que a morte recebe o estigma de fracasso para os envolvidos. Toda equipe de saúde pode sentir-se fracassada ao deparar com a morte, afinal luta-se contra esse momento durante toda a assistência oferecida ao paciente²⁰.

A impotência e o fracasso apareceram também como sentimentos significativos. Os entrevistados relataram não conseguirem ficar à vontade ao abordar o tema proposto, por ficarem impotentes diante da morte ou aquilo que ela representa para toda a sociedade.

A dor também foi evidenciada tanto ao ser considerada como sendo algo não palpável ou como um sentimento de perda. A superação da dor é algo difícil, porém uma atitude necessária para se viver bem e ir além dos sentimentos envolvidos com o processo de morrer²⁰.

Os processos de significar e perceber a morte estão muito mais próximos de nós do que imaginamos e gostaríamos¹⁶. Os profissionais de saúde, especialmente os de enfermagem, devem estar preparados para prestar cuidados à pessoa no processo de terminalidade/morte, bem como aos familiares. Para tal, devem se munir de conhecimentos sobre as fases desse momento de finitude conforme exposto pela pesquisadora Kübler-Ross, e, assim, adquirir habilidades e atuar com segurança e de modo adequado²¹.

Ao analisar esses depoimentos e realizar essa análise compreensiva, acreditamos que ainda temos um longo caminho para percorrer, pois a morte deve ser vista como algo inerente ao ser e que deve ser vivenciada de maneira completa e plena. Vale salientar que o estudo apresenta limitações, visto que o número de participantes não possibilita generalizações sobre o fenômeno investigado, bem como se trata de um grupo específico de discentes.

CONCLUSÃO |

Consideramos que os discentes precisam ser capacitados não apenas tecnologicamente, mas também epistemologicamente. É possível, ainda na graduação, preparar o discente para compreender que o ser humano com a sua finitude, a morte, constitui parte do existir, devendo ser um momento de aprendizado sobre a compreensão e aceitação da morte pelos discentes; assim, acredita-se que eles possam se preparar para um agir autêntico frente à morte.

Esperamos que os resultados possam contribuir significativamente para futuras pesquisas e para a reflexão de todos os envolvidos em instituições de ensino, tanto os discentes como os docentes, por sua relevância e como por sua grande influência na qualidade do processo de morte e morrer.

REFERÊNCIAS |

1. Costa DT, Garcia LF, Goldim JR. Morrer e morte na perspectiva de residentes multiprofissionais em hospital universitário. *Rev Bioét.* 2017; 25(3):544-53.
2. Souza MCS, Sousa JM, Lago DMSK, Borges MS, Ribeiro LM, Guilhem DB. Avaliação do perfil de atitudes acerca da morte: estudo com graduandos da área de saúde. *Texto Contexto Enferm.* 2017; 26(4):e3640016.
3. Benedetti GMS, Oliveira K, Oliveira WT, Sales CA, Ferreira PC. Significado do processo morte/morrer para os acadêmicos ingressantes no curso de enfermagem. *Rev Gaúcha Enferm.* 2013; 34(1):173-9.
4. Felix ZC, Batista PSS, Costa SFG, Lopes MEL, Oliveira RC, Abrão FMS. O cuidar de enfermagem na terminalidade: observância dos princípios da bioética. *Rev Gaúcha Enferm.* 2014; 35(3):97-102.
5. Kovács MJ. Educadores e a morte. *Psicologia Escolar e Educacional.* 2012; 16(1):71-81.
6. Duarte AC, Almeida DV, Popim RC. A morte no cotidiano da graduação: um olhar do aluno de medicina. *Interface (Botucatu).* 2015; 19(55):1207-19.
7. Both JE, Leite MT, Hildebrandt LM, Spies J, Silva LAA, Beuter M. O morrer e a morte de idosos hospitalizados na ótica de Profissionais de enfermagem. *Ciênc Cuid Saúde.* 2013; 12(3):558-65.
8. Salimena AMO, Ferreira G C, Castro EAB, Bara VF. Morte: compreensão de enfermeiras oncológicas. *Enfermagem Brasil.* 2008; (7)6:335-42.
9. Heidegger M. *Ser e tempo.* Rio de Janeiro: Vozes; 2015.
10. Gomes DM, Sousa AM. A morte sob o olhar fenomenológico: uma revisão integrativa. *Rev. NUFEN.* 2017; 9(3):164-76.
11. Cantante MIRC. O cirurgião face ao doente terminal: decisões éticas em fim de vida. Lisboa. Dissertação [Mestrado em Bioética] – Universidade de Lisboa; 2013.
12. Azevedo AKS, Pereira MA. O luto na clínica psicológica: um olhar fenomenológico. *Clínica & Cultura.* 2013; 2(2):54-67.
13. Minayo MCS. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade.* Rio de Janeiro: Vozes; 2014.
14. Brasil. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. *Diário Oficial da União;* 12 dez 2012.
15. Minayo MCS. Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. *Revista Pesquisa Qualitativa.* 2017; 5(7):1-12.
16. Martins J, Bicudo MAV. *A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos.* São Paulo: Centauro; 2005.
17. Borges MS, Mendes N. Representações de profissionais de saúde sobre a morte e o processo de morrer. *Rev Bras Enferm.* 2012; 65(2):324-31.
18. Oliveira SG, Quintana AM, Bertolino KCO. Reflexões acerca da morte: um desafio para a enfermagem. *Rev Bras Enferm.* 2010; 63(6):1077-80.
19. Puca A. A morte cerebral é a verdadeira morte? Um problema aberto. *Revista Bioethikos.* 2012; 6(3):321-34.

20. Ferreira GC, Salimena AMO, Melo MCSC, Souza IEO. Significado da morte do paciente cirúrgico no vivo do da equipe de enfermagem. Rev Enferm UFSM. 2014; 4(3):645-51.

21. Santos LMS, Araujo JS, Lima Júnior RN, Sousa RF, Conceição VM, Santana ME. Cuidados paliativos para a criança com câncer: reflexões sobre o processo saúde-doença. Rev Bras Pesq Saúde. 2013; 15(3):130-8.

Reprint request to:

Anna Maria de Oliveira Salimena

Faculdade de Enfermagem,

Universidade Federal de Juiz de Fora,

Rua José Lourenço Kelmer,

São Pedro, Juiz de Fora/MG, Brasil

CEP: 36036-900

E-mail: annasalimena@terra.com.br

Recebido em: 28/05/2018

Aceito em: 29/08/2020